

OLHAR, ESCREVER COM OLHOS NÔMADES, OU UMA REAÇÃO AO DISFARCE DO OVO

Livia Chede Almendary*

RESUMO

Clarice Lispector constrói heterotopias com as palavras e, com sua escritura, multiplica e potencializa os sentidos do mundo. Flerta com o discurso psicanalítico sem deixar-se capturar por ele: transforma o desejo em espaço potente, cambiante. Diante de sua adoração possessiva pelo ovo – objeto que percorre muitos de seus textos como metáfora da própria escritura –, a única maneira de não discipliná-lo (e matá-lo) é, incessantemente, disfarçá-lo.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Clarice Lispector. Psicanálise. Biopolítica.

TO LOOK, WRITE WITH NOMADIC EYES, OR A REACTION TO THE EGG DISGUISE

ABSTRACT

Clarice Lispector builds heterotopies from words, and by her writing multiplies and potentializes the world senses. Flirts with the psychoanalytic discourse yet is never captured by it: instead, converts desire in potent and changeable spaces. In dealing with her possessive adoration to the egg – nomadic object present in many of her texts as a metaphor for her writing –, the only way to not discipline it (nor kill it) is, incessantly, to disguise it.

Keywords: *Brasilian Literature. Clarice Lispector. Psychoanalysis. Biopolitics.*

* Tradutora e mestrandona em Literaturas Espanhola e Latino-americana na Universidade de Buenos Aires (UBA). Endereço para correspondência: lilits@gmail.com

As *heterotopias* inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruínam de antemão a "sintaxe", e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza "manter juntos" (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas.

Michel Foucault. *As palavras e as coisas*

Quando queremos que alguém escute, dizemos: "olha!"; se algo nos agrada muito, exclamamos: "espetacular!"; ao escutar algo disparatado, replicamos com um "nada a ver"; ao dar uma opinião, não duvidamos em situá-la como nosso "ponto de vista", ou "visão de mundo". A lista é comprida: se buscarmos, encontraremos uma infinidade de expressões e palavras habituais e cotidianas que se referem à visão, ao olhar e aos olhos para designar nossa relação com o mundo. É a partir dessa observação que parte a pensadora Marilena Chauí para mostrar como a visão foi se construindo como o sentido primordial na cultura ocidental. O primado da visão molda a linguagem e a forma como pensamos o mundo: "assim falamos porque acreditamos nas palavras e nelas acreditamos porque acreditamos em nossos olhos: acreditamos que as coisas e os outros existem porque os vemos e os vemos porque existem".¹

Por outro lado, o olhar sempre foi considerado algo perigoso. Orfeu transformou sua amada em estátua com um olhar impaciente; Narciso apaixonou-se por seu próprio reflexo na água e terminou afogado em si mesmo; Édipo furou os olhos porque não suportou ver que tinha matado o pai e cometido incesto com a mãe; alguns índios recusaram olhar-se no espelho pois sabiam que a imagem refletida era sua própria alma, e que a perderiam se nela depositassem seu olhar.²

"Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido",³ vai dizer também a narradora de "O ovo e galinha", de Clarice Lispector. Estabelecer limites, classificar, definir, delimitar, fixar: ver é dar forma ao pensamento e esgotar, de alguma maneira, o instante fugaz em que algo é livre para ser, antes de ser capturado pela linguagem, pelo discurso, pela autoridade pesada daquilo que diz "isso é...". Ver, portanto, pode ser de fato perigoso, e o "ovo é coisa que precisa tomar cuidado",⁴ já avisa a personagem do conto nas primeiras páginas.

¹ CHAUI, 1988, p. 32.

² Ibid., p. 33.

³ LISPECTOR, 1998a, p. 49. ("O ovo e a galinha").

⁴ Ibid., p. 51.

Contra a explicação, a reação

É nesse sentido que os primeiros críticos literários que escreveram sobre Clarice Lispector notaram que sua prática discursiva retirava o sentido comum das palavras para moldá-las às suas necessidades de expressão. A autora não utilizava a linguagem como um dispositivo para ordenar o mundo, e sim como elemento de transgressão, de potência, num “processo de violação da norma discursiva para arrancar da linguagem pura uma nova energia, indomável e incomum”.⁵ Clarice tentava a façanha de escrever sem esgotar ou limitar em apenas uma as “mil faces secretas sob a face neutra”⁶ de uma palavra, escrevia para multiplicar os sentidos do mundo, e não para reduzi-los.

Por isso a galinha é o disfarce do ovo. (...) Ele vive dentro da galinha para que não o chamem de branco. O ovo é branco mesmo. Mas não pode ser chamado de branco. Não porque isso faça mal a ele, mas as pessoas que chamam o ovo de branco, essas pessoas morrem para a vida.⁷

Ler, vai dizer Maurice Blanchot, é como exumar um livro, tirá-lo de um jarro e trazê-lo à luz da leitura para que nasça outra vez. Um livro não lido é um livro não escrito. Ler, então, será não escrever um livro, mas fazer com que o livro se escreva ou seja escrito – sem a intermediação do escritor, sem ninguém que o escreva. Por outro lado, continua Blanchot, a leitura não é uma conversação, ela não discute, não pergunta ao livro ou ao autor “o que você quis dizer?”, pois essa é uma pergunta sem resposta: o livro que se origina da arte, depois de lido, continua sem ser lido, pois existe somente no espaço de uma leitura, sempre primeira e única⁸. Essa “estranha liberdade” e autonomia da leitura aparece nas palavras da própria Clarice ao formular uma resposta à indagação sobre como e por que escreve um conto ou uma novela. Ao falar de alguns de seus textos, relembra que o processo de escritura de “Amor” lhe deixou uma lembrança incomum:

⁵ Cf. ANTELO, 2002, p. 9 - 29 [tradução minha].

⁶ ANDRADE, 1983, p. 177.

⁷ LISPECTOR, 1998a, p. 51.

⁸ Cf. BLANCHOT, 1968, p. 201-206.

A segunda coisa que me lembro é um amigo lendo a história para criticá-la, e eu, a ouvi-lo com voz humana e familiar, tendo subitamente a impressão de que apenas naquele instante ela nascia, e nascia já feita, como nascem os bebês.⁹

É pela leitura de uma história que ela se constitui, constata a autora, situando sua própria escritura dentro do jarro de Blanchot. Ou dentro do ovo? “O ovo é basicamente um jarro? Terá sido o primeiro jarro moldado pelos etruscos”?¹⁰

Ler Clarice, ou escrever sobre ela, não poderia ser de outra forma senão como “reação”, como o inesperado da primeira vez, pois explicar – fixar, traduzir, estabilizar uma leitura no tempo e no espaço – seria trair o próprio objeto de partida, seria como “chamar de branco aquilo que é branco” e, justamente por isso, “destruir a humanidade”.¹¹ A mesma personagem também nos recomenda a “lei geral para continuarmos vivos: pode-se dizer ‘um rosto bonito’, mas quem disser ‘o rosto’ morre; por ter esgotado o assunto.”¹² Reagir, pois, para não esgotar.

O ovo que vem

“O ovo vive foragido por estar sempre adiantado demais para sua época. – Ovo por enquanto será sempre revolucionário”,¹³ retoma a narradora, desdobrando e inflando o simples ovo branco na mesa da cozinha com um olhar hiper-realista que deforma e parodia a ideia mesma de ovo, situando-o no presente (“vejo o ovo”), porém ao mesmo tempo deslocando-o ao passado (“mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo a três milênios”) e projetando-o em direção ao futuro, sempre a frente do seu tempo, ontem, hoje e amanhã. O ovo está para a cozinha, assim como o Aleph está para o sótão, poderia se dizer. É o elemento clariceano falando do elemento borgeano (ou vice-versa): “o ovo é uma coisa suspensa, nunca pousou”,¹⁴ “é uma esfera cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma”.¹⁵

⁹ LISPECTOR, 2005, p. 183.

¹⁰ LISPECTOR, 1998a, loc. cit.

¹¹ Ibid., loc. cit.

¹² LISPECTOR, 1998a, p. 51.

¹³ Ibid., loc. cit.

¹⁴ Ibid., p. 50.

¹⁵ BORGES, 2005, p. 210.

Também poderia se dizer que o ovo é o *ser que vem*, o *ser qual seja*. Não o ser qualquer no sentido de “não importa qual”, como se poderia supor a partir da acepção mais comum da palavra “qualquer”, e sim o ser que “seja qual for, importa”.¹⁶

Esse jogo sutil de sentido com as palavras “ser” e “qualquer” está no primeiro fragmento do livro *A comunidade que vem*, de Giorgio Agamben, no qual percorre possíveis caminhos etimológicos para o termo em latim *quodlibet* (qualquer). O ser “qualquer que seja” em questão, segundo o caminho escolhido pelo autor, tem sua singularidade em seu ser “tal qual é”, ou seja, é uno, perfeito, não necessita uma categoria de pertencimento para ser “tal qual é”, o que desprenderia a singularidade desse ser “do falso dilema que obriga o conhecimento a eleger entre a inefabilidade do indivíduo e a inteligibilidade do universal”.¹⁷

Em outras palavras, a singularidade não estaria vinculada a um aspecto particular de um universal, não seria uma parte específica de um todo ou um objeto pertencente a um grupo. No entanto, se por um lado o ser “qualquer que seja” não está enquadrado em alguma classe ou categoria, tampouco representa a ausência genérica de todo pertencimento: é o ser em seu pertencimento mesmo, o ser como ideia presente e ausente, como o fugaz indefinido entre a ideia e a linguagem que lhe da vida, que a concretiza; o ser como “gesto”.

A ideia de gesto está em outro texto de Agamben, em que discute a posição do autor em relação à sua obra. A função do autor não deve figurar como definidora do sentido de sua obra, não obstante seja o autor mesmo quem organiza o mundo de alguma maneira por meio da escritura. Sua obra se completa apenas na leitura. Assim, leitor e autor estão em relação sob a condição de permanecerem inexpressivos: o ato de escrever põe em jogo o dispositivo da linguagem, cujo sentido não pode ser capturado em sua essência, mas apenas como um gesto tanto do autor como do leitor.¹⁸ Esse gesto estaria, assim, precedido pelo instante fugaz entre a linguagem não submetida no umbral de uma obra – da qual podem derivar múltiplos sentidos – e o movimento de tirá-la do jarro.

Assim seria também o ovo, ou o “ser qual seja”: representação fugaz da linguagem que não foi submetida ou enquadrada em nenhum sentido categórico. O “ser-ovo”, a partir de um gesto de escritura e leitura, pode dar origem a múltiplas existências.

¹⁶ AGAMBEN, 2006, p. 11.

¹⁷ Ibid., loc. cit. [tradução minha].

¹⁸ AGAMBEN, 2005, p. 93.

A façanha da narradora de “O ovo e a galinha” é justamente prolongar *ad eternum* esse instante fugaz, pois a presença do ovo designa também uma ausência constante na medida em que essa voz joga com as palavras e constrói heterotopias que deslocam permanentemente esse objeto.

Agamben retoma com seu “ser qual seja” uma questão cara ao pensamento ocidental: a relação entre essência e aparência, o ser entre o que é e o que pode ser:

O amor não se dirige jamais a esta o aquela propriedade do amado (ser branco, pequeno, terno, aleijado), mas tampouco prescinde dele em nome da insípida abstração (o amor universal): quer a coisa com todos seus predicados, seu ser tal qual é.¹⁹

Assim, a singularidade, aquilo que se ama (o Amável), “não é jamais a inteligência de algo, dessa ou aquela qualidade ou essência, mas apenas inteligência de uma inteligibilidade”.²⁰ Analogamente:

Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. [...] Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos. [...] O amor pelo ovo também não se sente. O amor pelo ovo é supersensível.²¹

Tal movimento transporta o objeto – o ser, o ovo, o amor, o Aleph – em direção à Ideia, mas não à Ideia como o lugar da perfeição a ser profanado pelo olhar edípico da eterna falta, e sim à Ideia como *potência* do que pode ser um objeto, um “ser qual seja”. Pode-se dizer, assim, que o ser que vem de Agamben é o *ser-potência*, o ser não enquadrado em uma classe (não é operário, elite, francês, muçulmano...), tampouco na ausência genérica de todo o pertencimento, mas o ser – o ovo, o amor, o objeto, o Aleph – como possibilidades que se desdobram e se proliferam ao infinito porque “nunca pousam”. E se pousam, não foram elas que pousaram: “foi uma coisa que ficou embaixo do ovo”.²²

Ovo, *objecto* do desejo

¹⁹ AGAMBEN, 2006, p. 12. [tradução minha].

²⁰ Ibid., loc. cit.

²¹ LISPECTOR, 1998a, p. 49.

²² LISPECTOR, 1998a, p. 50.

A ordem segundo a qual vemos e pensamos o mundo – a episteme no sentido foucaultiano – opera por descontinuidades, ou seja, relaciona de formas distintas “as palavras e as coisas” em certo recorte histórico e temporal. A forma como vemos o mundo é, portanto, cambiante. É nesse sentido que Chaui faz uma genealogia do olhar e sublinha que ao tentar decifrar seu “enigma”, a Filosofia terminou por escindir o que nossa atitude fideísta ainda mantém unido: “a crença na simultânea passividade e atividade da visão. Doravante, *ou* a visão depende das coisas (que são causas ativas do ver), *ou* depende de nossos olhos (que fazem as coisas serem vistas)”.²³

Com a filosofia antiga, e sobretudo a partir de Descartes, passamos da fé perceptiva à atitude analítica: a tradição cartesiana dualista dividiu de maneira radical o mundo em consciência e natureza, sujeito e objeto, interior e exterior, considerando o mundo objetivo como um dado explícito e o ser como plenamente determinado já na relação originária que com ele se estabelece na percepção. De um lado está o mundo e do outro o sujeito que emana a visão, os dois lados previamente constituídos. É sob a forma de “prejuízo do mundo objetivo” que essa tradição cartesiana dualista aparece na introdução da *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty.

Essa divisão radical cuja origem remonta a Platão e atenta contra nossa “atitude fideísta”, ou “fé perceptiva”, buscara ser superada pelos fenomenologistas pela ideia de “ser no mundo”, pela existência, o que significa, em última instância, que o ser está sempre engajado em uma situação aberta cujo sentido total não pode ser possuído. Isso quer dizer que um ovo em cima da mesa de uma cozinha é um “todo”, é o “ovo-em-cima-da-mesa-da-cozinha”, e não uma somatória matemática e analítica do ovo, da cozinha e da mesa como se fossem objetos absolutos no tempo e no espaço.

Merleau-Ponty viu na teoria de Freud essa busca pelo ser no mundo na medida em que a psicanálise postula um sujeito construído em relação especular com o exterior. O sujeito da psicanálise é um sujeito que olha e necessita ser olhado para constituir-se como tal, vê com olhos edípios: para ter um corpo e considerá-lo próprio, o sujeito precisa alienar-se na imagem que um outro sustenta de si mesmo, ao mesmo tempo que busca com seu olhar satisfazer e projetar desejos ligados a um objeto insubstituível (a mãe, o objeto de castração) – falta cuja origem está no outro. A psicanálise romperia com a tradição filosófica ao diferenciar o olhar do sentido da visão: onde estava a visão, Freud “instituiu” a pulsão, o impulso de olhar e ser olhado relacionado ao campo do

²³ CHAUI, 1988, p. 40.

prazer e desse desejo pelo impossível. A psicanálise leva em conta não a função de um órgão – o olho –, e sim o desejo de um sujeito com um olhar edipiano.

Se a psicanálise ameaçava romper com a divisão radical entre mundo externo e interno do sujeito ao postular uma subjetividade construída em relação especular e interdependente com um outro, por outra parte teria reduzido a proliferação múltipla do desejo e do pensamento – e, portanto, do olhar – à lei binária da estrutura e da falta, como marca Foucault no prefácio da edição americana do *Anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O sujeito edipiano da psicanálise levaria a uma sociedade que funciona estruturalmente em termos de sujeitos individuais que atuam impulsionados principalmente por seu inconsciente e por seus desejos de suprimir uma falta de origem libidinal e familiar. Desde esse ponto de vista, a atuação dos sujeitos no mundo emanaria de uma origem idealista por se pretender universal e castradora por pressupor sempre uma falta, o que é criticado por Foucault como um discurso que mitifica a singularidade do indivíduo, dogmatiza a existência e localiza no âmbito do íntimo o que, em realidade, seria construído historicamente e na coletividade.²⁴ A amplitude que ganhou o discurso psicanalítico da “falta” e sua força fundamentadora de outros discursos construídos em cima deste representaria uma sorte de fascismo, de poder disciplinador sobre o corpo, sobre a política, sobre a arte, sobre o próprio desejo.

O “anti-édipo”, contudo, não é equivalente ao “anti-desejo”, ou uma tentativa de construir a ideia de um ser humano não desejoso; trata-se, antes, de pensar uma nova forma de introduzir o desejo no pensamento, de tentar liberá-lo das categorias negativas da lei, do limite, da castração, da falta, da lacuna. Em vez disso, pensar como o desejo “pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida”.²⁵ Contra o negativo, “prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade”.²⁶ O produtivo é aquilo que circula em distintos estados, em distintas formas, que nunca se deixa fixar por um olhar possessivo que a todo custo tenta constituir com seu objeto uma relação essencial, total, fascista.

²⁴ Cf. FOUCAULT, 2005, p. 29-51.

²⁵ FOUCAULT, 2006, p. 230.

²⁶ Ibid., p. 232.

É dessa forma nômade que o ovo vai passear por muitos textos de Clarice, não raro em pleno flerte com o discurso psicanalítico, embora sem deixar-se capturar por ele. É impossível ver, entender, decifrar o ovo, mas não porque ele representa uma lacuna, algo que falta ou que jamais será restituído a um sujeito-narrador, e sim porque ele escapa permanentemente, circula em diferentes estados, situações, formas: ora galinha, ora pintinho, ovo de comer, de olhar (e o olhar como “avidez de ovo”), ovo que se quebra, ovo que não pode ser quebrado, ovo que se frita, galinha que foge da morte e se salva ao pôr um ovo. O ovo é performativo, potente, travesti profissional; o ovo é uma figura desterritorializada, suspensa: nunca pousa (pelo menos, não como ovo) para poder desdobrar e proliferar suas possibilidades ao infinito.²⁷

A narradora de “O ovo e galinha” vai afirmar que olha o ovo com atenção para não quebrá-lo, porém só entende o ovo quando o quebra na frigideira: é “a partir desse instante exato” que o ovo “nunca existiu”.²⁸ Entre o devaneio e a tarefa na cozinha, está o ovo se metamorfoseando, inflando, rodopiando, até o momento de quebrar-se e esparramar-se na frigideira para sumir de sua existência – ou voltar a ser ovo. Os ovos estalam na frigideira enquanto a narradora está mergulhada em sonho preparando o café da manhã.

Ovos também se quebram na sacola de compras de Ana, personagem de “Amor”, no momento em que, atordoada com a visão de um cego mascando chicletes que atravessava a rua, se distrai e termina por derrubar após um movimento brusco do bonde o volume que carregava no colo. Gemas amarelas e viscosas pingavam da sacola, enquanto ela se dava conta do quanto sua vida cotidiana de esposa e dona do lar disfarçava um mundo externo selvagem e sem organização. Quebrar o ovo, pois, é sair de um estado de devaneio para entrar em outro, e assim sucessivamente transcorre a vida, de um ovo a outro. E pode ser perigoso, como alguém já havia dito antes: Ana sai do devaneio organizado de seu cotidiano para o devaneio selvagem de um jardim “tão bonito” que chega a dar medo do “Inferno”.²⁹

O ovo pode, ainda, ser salvação, mesmo se temporária. Ao fugir da cozinha onde estava a panela que a esperava, e depois de muito ser perseguida pelo homem faminto que viu seu almoço bater as asas, a galinha – ovo nascido e crescido –, sabiamente ou quase sem querer, pôs um ovo. A família, resignada com a “situação

²⁷ Cf. DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11- 37.

²⁸ LISPECTOR, 1998a, p. 55.

²⁹ LISPECTOR, 1998b, p. 25.

mãe” do bicho, decide não comê-lo. Chegou a ser o animal de estimação da casa, mas um tempo depois que se apagou a imagem do ovo, seu destino foi mesmo a morte e o prato. “O ovo é a alma da galinha”.³⁰ Ao ficar sem alma, a galinha voltou a estar condenada ao seu destino, que aliás é o mesmo de todos nós, pois “viver leva à morte”.³¹

É o pintinho – o ovo em sua forma nascida – que também vai livrar a narradora de “Legião Estrangeira” da pequena Ofélia, a criança-filha da vizinha que a atormentava com visitas cheias de sabedoria infantil em forma de conselhos e críticas. Enquanto a narradora tentava escrever seus textos durante a tarde, período do dia em que estava “livre” da presença dos filhos e do marido para mergulhar em sua máquina de escrever, em seus oito anos “altivos e bem vividos”, Ofélia

Dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si. Não era mais hora de estar de robe [...], não era hora de ainda não ter tomado banho.³²

Os discursos de como comprar os legumes na feira, como organizar a geladeira, como arrumar a casa, em que momento tomar banho e vestir-se enlouqueciam a narradora, que se sentia ameaçada pela “sabedoria de ser mulher” da menina. Ameaçada talvez porque os discursos de Ofélia representassem “tecnologias de si” voltadas ao treinamento e à modificação das atitudes da narradora e por isso se configuravam como certa tentativa de dominação: do corpo, da estética, do modo de ser no mundo.³³ “Cada um sabe de si”, diz cinicamente a menina à mulher, ao mesmo tempo em que arbitrariamente “sugere” formas de se alcançar a felicidade, a sabedoria, a perfeição, o “ideal de mulher”. Da mesma maneira que se uma pessoa chamar o ovo de branco esgota o assunto, se a mulher se transformar em “a mulher”, morre para a vida. Ofélia e a narradora, portanto, estavam ameaçadas de morte.

Um dia, durante uma visita, Ofélia se deu conta de que havia um pintinho na cozinha, ficou fascinada, desejosa de brincar com o bicho e, nesse momento, “como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. [...] Ela estava engrossando toda, a

³⁰ Id., 1998a, p. 50.

³¹ Ibid., p. 52.

³² LISPECTOR, 1998a, p. 69.

³³ Cf. FOUCAULT, 2004, p. 321-360.

deformar-se com lentidão. Por momentos os olhos tornavam-se puros célios, numa avidez de ovo”.³⁴ Ao desejar o ovo em forma de pintinho, Ofélia havia deixado de ser a voz de um discurso disciplinador do universo feminino para voltar a ser uma simples criança que já não ameaçava os momentos de escritura da narradora, nem seu “ser mulher”. A tensão entre a que escreve e o discurso disciplinador que tenta se impor, se reconfigura na presença do ovo – ou da própria escritura.

A menina Ofélia talvez fosse um disfarce precoce de Tereza Quadros, Helen Palmer ou Ilka Soares, pseudônimos³⁵ que Clarice Lispector usava para assinar os textos que escrevia para colunas femininas em jornais da imprensa carioca nas décadas de 1950 e 1960. Pequenas narrativas eram publicadas em forma de conselhos, receitas e segredos sobre beleza, decoração, moda, maquiagem, postura, etiqueta, comportamento e tudo o mais que poderia fazer parte do universo da mulher, mãe e esposa. Se por um lado esses textos poderiam configurar-se como uma grande coleção de “tecnologias de si”, por outro há espaço, entre eles, para a criação de um “laboratório de feitiçaria”. Ilka Soares, por exemplo, na coluna “Só para mulheres”, convida sua leitora a tornar-se uma bruxa moderna: ensina desde a confeccionar xampus e cremes na cozinha, até a desenvolver uma fórmula caseira para matar baratas. Ilka Soares subverte o próprio discurso disciplinador (como estar bonita, como cuidar do corpo, dos cabelos, da pele, da sedução...) para a ideia de que a mulher na cozinha detém um poder de transformação,³⁶ um laboratório para criar e recriar a si mesma.

Assim como a cozinha está para a transformação e recriação de si, o ovo está para a escritura. Se aceitarmos a afirmação da narradora de “O ovo e a galinha” de que seu falso emprego disfarça sua verdadeira função, esses textos sobre o universo feminino tornam-se fundamentais para a existência do ovo (embora por vezes houvesse “desvio de verba”):

faço um mal aos outros que, francamente. O falso emprego que me deram para disfarçar minha verdadeira função, pois aproveito o falso emprego e dele faço o meu verdadeiro; inclusive o dinheiro que me dão como diária para facilitar minha vida de modo que o ovo se faça, pois esse dinheiro eu tenho usado para outros fins [...].³⁷

³⁴ LISPECTOR, 1998a, p. 74.

³⁵ No caso de Ilka Soares, Clarice Lispector atuava como “ghost-writer”.

³⁶ Cf. NUNES. “Jogo de disfarces. Clarice Lispector e o ofício de escrever colunas femininas”. Disponível em: www.claricelispector.com.br/Download_Clarice_jornalista_por_Aparecida_Maria.pdf.

³⁷ LISPECTOR, 1998a, p. 57.

O ovo aparece aqui como a “escritura possível por outra escritura”, ou, analogamente, como o *objecto* clariceano na leitura de Raúl Antelo. O *objecto* é o objeto com um “c” que produz estranhamento, que tira o objeto de sua função, de seu entendimento comum, para transformá-lo num “magma de magmas”, ou seja, numa massa pastosa em estado de fusão que toma formas, mas nunca se cristaliza em *uma* forma, ou *na* forma. O *objecto* se faz possível e se apresenta através da palavra, mas ao mesmo tempo obriga essa palavra a deslocar-se para outras incessantemente, pois é única forma de se manter o *objecto* vivo. O *objecto*, assim, é um “objeto que se apresenta de forma obscura e enigmática, como coisa ou mercadoria, como signo equívoco e, ao mesmo tempo, esquivo”.³⁸

“Pois o ovo é um esquivo”, vai confirmar a narradora de “O ovo e a galinha”. “Diante da minha adoração possessiva” – desejo disciplinador – “ele poderia retrair-se para nunca mais voltar”.³⁹ Para não decifrar o ovo – e esgotá-lo –, esse sujeito desejoso precisa mantê-lo “secreto, esquivo e removente”.⁴⁰ No entanto, não se trata de desejá-lo como objeto impossível ou edipiano, mas dar a ele potência, possibilidade e desdobramento através da própria escritura, deixá-lo “inteiramente protegido por tantas palavras”.⁴¹

Diriam talvez Ofélia, Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares em suas dicas e conselhos para o “cuidado de si” que, embora haja rumores de que comer muito ovo faz mal, dá enjoo, pesa, faz subir o colesterol, seu verdadeiro perigo

é que se descubra o que se poderia chamar de beleza, isto é, sua veracidade. A veracidade do ovo não é verossímil. Se descobrirem, podem querer obrigarlo a se tornar retangular. O perigo não é para o ovo, ele não se tornaria retangular. [...] Mas quem lutasse para torná-lo retangular estaria perdendo a própria vida. O ovo nos põe, portanto, em perigo.⁴²

Não à toa, e não por acaso, “os iniciados disfarçam o ovo”.

³⁸ ANTELO, 1997, p. 28.

³⁹ LISPECTOR, 1998a, p. 59.

⁴⁰ ANTELO, 1997, p.26.

⁴¹ LISPECTOR, 1998a, loc. cit.

⁴² LISPECTOR, 1998a, p. 76.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **La comunidad que viene**. Valencia: Pre-textos, 2006.
- _____. **Profanaciones**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Procura da Poesia”. In: _____. **Antología Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- ANTELO, Raúl. “Prólogo”. In.: LISPECTOR, Clarice. **La araña**. Buenos Aires: Corregidor, 2002 (p. 9 – 29)
- _____. **O objeto textual**. Fundação memorial da América Latina: São Paulo, 1997. (Coleção Memo)
- BLANCHOT, Maurice. Lire. In: _____. **L'espace Littéraire**. Paris: Gallimard, 1968.
- BORGES, Jorge Luis. El Aleph. In: _____. **El Aleph**. Buenos Aires: La nación/Emecé, 2005.
- CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não-fascista. **Revista Comunicação&política**, v. 24, n. 2. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 2006.
- _____. Conferencia 2. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.
- _____. Tecnologias de si. **Revista Verve**, n.6. São Paulo: Nu-sol/PUC-SP, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- _____. **Revelación de un mundo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- _____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- NUNES, Aparecida Maria. **Jogo de disfarces. Clarice Lispector e o ofício de escrever colunas femininas**. Disponível em:
<http://www.claricelispector.com.br/Download_Clarine_jornalista_por_Aparecida_Maria.pdf>.